

A extensão universitária voltada para a educação política e o Projeto Contraponto: debatendo política nas escolas¹²

PROJETO CONTRAPONTO

*“Lá no passado tínhamos um futuro
Lá no futuro tem um presente
Pronto pra nascer
Só esperando você se decidir.
Porque são tempos de decidir.”*
(Mauro Iasi – *Dissidência ou a arte de dissidiar*)

INTRODUÇÃO

■ Há pouco menos de três anos, o país foi tomado por manifestações encabeçadas por jovens em praticamente todas as capitais da federação. Um ano depois, a polarização verificada nas eleições nacionais, o baixo nível de muitas candidaturas nas eleições estaduais e a proliferação de posicionamentos preconceituosos e intolerantes – em grande medida veiculados por adolescentes nas redes sociais – demonstraram que, para o bem ou para o mal, a conjuntura política brasileira tem mudado, e tal mudança precisa ser pensada para além das narrativas superficiais que são comumente veiculadas nos meios de comunicação tradicionais e que atingem a maior parte da população brasileira.

-
- 1 O presente artigo foi produzido conjuntamente pelos integrantes do projeto Contraponto: Debatendo Política nas Escolas a seguir nomeados: Airton Gregório, Alexandre Kunsler, Anthony Tao, Caroline Assis, Eduardo Osório, Giovanni Orso, Júlia Gabriele Lima da Rosa, Julián Félix, Livi Gerbase, Natasha Pergher, Raíssa Mattana, Rodrigo Brites, Renata Siegmann e Tiago Baldasso.
 - 2 Gostaríamos de agradecer o suporte do Departamento de Ciência Política da UFRGS que na pessoa do Prof. Dr. Paulo Peres e dos pós-graduandos Vinicius Lara e Bruno Conceição enriqueceram essa experiência com sugestões e críticas valiosas para o bom andamento das atividades.

Tendo esse cenário como referência, nós, à época um grupo de estudantes de graduação em Relações Internacionais da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, em colaboração com o Programa de Pós-Graduação em Ciência Política da UFRGS, elaboramos um projeto de extensão chamado *Contraponto: debatendo política nas escolas*. A partir da experiência com esses jovens acumulada por meio de outros projetos de extensão e da percepção da falta de interesse generalizada pelo tema da política, surgiu a proposta de promover discussões e metodologias interdisciplinares de trabalho que instigassem uma reflexão mais interessada e menos repelente sobre os aspectos institucionais e não institucionais da sociedade brasileira. Assim, o grupo passou a contar com estudantes de diversas áreas do conhecimento, como Ciências Sociais, Políticas Públicas, Ciências Jurídicas, Comunicação Social, entre outros.

Problematizar e complexificar as percepções de jovens do ensino médio da rede pública estadual sobre o tema da política foi o objetivo que nos orientou. Longe de tentar inculcar naquelas e naqueles estudantes qualquer visão pronta e acabada, o que pretendemos foi estimular um espaço horizontal e aberto para discussão e expressão de ideias sobre política. Nosso trabalho, desde então, tem sido desvelar formas de desmistificar certas narrativas, possibilitando um olhar mais crítico e reflexões mais profundas do sistema político no qual estamos inseridos. Mais do que isso, na medida em que os espaços de discussão foram se materializando diante de nós, percebemos que um dos horizontes normativos que guiava essas oficinas era provocar nesses jovens a vontade de organização e engajamento para promover as transformações sociais almejadas.

Dessa forma, o esforço para a elaboração de projetos como o *Contraponto* se pautou na consciência da necessidade de que a universidade pública seja uma instituição referenciada na sociedade e cuja produção de conhecimento não se restrinja aos muros universitários. Dessa forma, o *Contraponto* surge no seio do pilar de extensão universitária que, muitas vezes, acaba por ser negligenciado em detrimento do ensino – em menor grau – e da pesquisa – em maior grau. Os vários projetos de extensão em andamento no curso de Relações Internacionais da UFRGS já vinham solidificando a percepção dentre as estudantes e os estudantes de que a extensão é a melhor maneira de aproximar a Universidade da sociedade, dada a atual configuração do ensino superior no Brasil. Então, ao iniciar o projeto, já tínhamos a intenção de estimular um aprendizado possibilitado pela troca de saberes entre as pessoas que vivem realidades muito diferentes buscando imprimir mudanças reais na sociedade, mais sólidas e permanentes do que o entesouramento das produções científicas marcante na produção acadêmica.

É a partir desse entendimento sobre a universidade pública e do contexto político-social pelo qual tem passado o país que nos voltamos à área da extensão política. A ideia de ter como foco escolas de ensino médio da rede pública estadual é duplamente justificada: primeiro, na compreensão da importância de fortalecer a esfera pública – não entendida, aqui, como sinônimo de estatal; e, segundo, nos limites internos e operacionais com os quais nos deparamos, quais sejam, a disponibilidade de ministrantes das oficinas e a compatibilidade entre as suas agendas e as agendas das escolas. Quaisquer enfoques implementados até o presente momento, no entanto, estão em frequente revisão, o que possibilita que, nas próximas edições, sejam incorporadas atividades em escolas municipais, em institutos federais e, inclusive, em escolas privadas. Essa constante reflexão e atualização é uma característica do *Contraponto* até o momento, e parte de uma concepção de projeto aberto, que responde a processos sociais mutáveis e, enquanto tal, precisa de dinamismo.

Nesse sentido, a história do *Contraponto* pode ser dividida em três fases distintas, que evidenciam a evolução do projeto ao longo de um ano e meio de atividades. A primeira fase foi a elaboração do conceito e do objetivo da proposta e a realização de uma etapa preliminar, que chamamos de “evento teste”; a segunda, foi a atuação em uma escola-piloto da região metropolitana de Porto Alegre; e, finalmente, a terceira, quando o projeto se expandiu para três escolas e, aprendendo com as experiências anteriores, sistematizou uma metodologia que será explicitada nesse artigo. As três fases ocorreram, respectivamente, no segundo semestre de 2014, no primeiro de 2015 e no segundo de 2015. Ainda que os membros do *Contraponto* não tenham sido os mesmos ao longo dessa trajetória, os propósitos gerais se mantiveram ao longo das três fases, possibilitando uma complexificação do projeto ao longo dos três semestres.

ANTECEDENTES:

○ EVENTO TESTE E A ESCOLA-PILOTO

■ A primeira fase do projeto envolveu a consolidação de um coletivo e, em alguma medida, o desenvolvimento e o teste de metodologias de ensino e de capacidades didáticas, antes de iniciarmos os trabalhos na prática. A primeira definição foi a escolha do nome. Optamos por *Contraponto: Debatendo política nas escolas* porque sintetiza muito bem a proposta de possibilitar um espaço de discussão aberto a pontos de vista políticos distintos daqueles que veiculam nos meios de comunicação e nas instituições tradicionais.

Posteriormente, a primeira atividade que realizamos foi uma roda de conversa sobre política com cerca de trezentos estudantes de Ensino Médio da Escola Técnica Estadual Frederico Guilherme Schmidt, na cidade de São Leopoldo, região metropolitana de Porto Alegre. Nessa escola, há cerca de dois anos, o Grêmio Estudantil estava inativo e a direção da instituição, através da proximidade com uma integrante do projeto, entrou em contato com o *Contraponto* para participar de uma atividade capaz de estimular a reestruturação desse espaço de representação estudantil. Além do *Contraponto*, responsável por falar sobre a estrutura da política brasileira, foram convidados militantes da União Nacional dos Estudantes (UNE), União Brasileira de Estudantes Secundaristas (UBES) e União Estadual dos Estudantes do Rio Grande do Sul (UEE), que trouxeram seus depoimentos sobre a participação no movimento estudantil e a relevância social desse movimento.

A conversa dividiu-se em dois momentos, primeiro, com os alunos do turno da manhã e, posteriormente, com os alunos da tarde. Dentre os temas abordados, discutiu-se o conceito de política, o espectro político (direita e esquerda), o sistema partidário e eleitoral brasileiros, a divisão de poderes no Brasil, a tramitação de projetos de lei, a ação na política (governabilidade *versus* ideologia).

A metodologia utilizada foi a exposição de conceitos – acompanhados por exemplos que resgatavam o cotidiano dos alunos, como mostrar que política também está na decisão sobre a merenda escolar -, da estrutura política institucional, além da utilização de slides.

Os resultados do “evento teste” foram percebidos pelo grupo como positivos, ainda que não tenha sido possível uma avaliação mais sistemática dos efeitos da conversa com esses jovens. Através de uma autocrítica avaliamos que a quantidade de conteúdos fora excessiva para uma conversa de 2h, dificultando a absorção e o aprofundamento dos assuntos. Além disso, devido à grande quantidade de alunos em apenas um grupo, tivemos dificuldade com a interatividade nas perguntas e exemplos. No entanto, pouco tempo após a realização dessa atividade na escola Frederico Schmidt, o Grêmio Estudantil foi reativado e cerca de 20 alunos passaram a participar ativamente do movimento estudantil, o que demonstra um impacto no que diz respeito a iniciativas de engajamento.

Na segunda fase, buscamos diminuir a quantidade de conteúdos abordados e ampliar o tempo disponível para conversas com as estudantes e os estudantes. Esta fase consistiu na realização de quatro encontros em quatro turmas de primeiro ano do ensino médio durante o mês de junho de 2015, na Escola Estadual Agrônomo Pedro Pereira, no bairro Agronomia em Porto Alegre. O período de

contato com os estudantes foi estendido, pois cada encontro contou com aproximadamente 1h30min de duração, somando-se ao todo 6h com cada turma. Os integrantes do projeto foram divididos em grupos para a reelaboração do conteúdo e da metodologia de cada um dos quatro encontros. Uma vez que quaisquer discussões políticas são permeadas de debates e polêmicas, bastante saudáveis e necessárias à reflexão crítica, foi necessário diminuir a quantidade de temas abordados, para que esses espaços horizontais de discussão com participação dos alunos e das alunas pudessem ser estimulados. Assim, foram elencadas as prioridades e os conteúdos de cada encontro.

O conteúdo do primeiro encontro focalizou conceitos de teoria política trabalhados através da seguinte linha argumentativa: o que é política; o que é democracia representativa; participação na política; divisão de poderes; espectro político. No segundo encontro, abordamos elementos da política institucional brasileira, como o sistema partidário e eleitoral, além das regras para aprovação de leis. No encontro seguinte, foi realizada uma simulação de uma instituição legislativa brasileira. Nessa atividade, as estudantes e os estudantes precisavam raciocinar e agir como atores da política institucional e decidir sobre a aprovação ou não de uma lei que regulamentava o uso de aparelhos rastreadores nos uniformes escolares. Por fim, o quarto e último encontro foi reservado para debates sobre assuntos de interesse desses jovens, quais foram: (i) a relação entre política e religião; (ii) o papel da mulher na política; (iii) a aplicação da pena de morte no Brasil. Dessa forma, ampliaram-se os métodos de interação com estudantes, visto que os primeiros encontros mantiveram a metodologia aplicada na primeira fase, enquanto que os dois últimos introduziram a ferramenta das simulações e dos debates, sempre buscando estimular a participação dessas e desses jovens.

A despeito dessas mudanças, o impacto do projeto na Escola Agrônomo Pedro Pereira foi limitado devido à descontinuidade dos ministrantes em cada um dos quatro encontros – cada grupo responsável por um encontro participou somente do seu encontro -, o que dificultou a formação de laços com as alunas e os alunos e a formação de empatia mútua, dificultando a atuação do projeto nas diferentes turmas. Além disso, as metodologias alternativas, das simulações e debates, foram parcialmente bem-sucedidas em razão da dificuldade encontrada para sua explicação e compreensão, além de não instigarem a participação das estudantes e dos estudantes. Por último, a ausência de um material didático de apoio através do qual as estudantes e os estudantes pudessem posteriormente resgatar os debates foi identificado pelo grupo como um limite que deveria ser ultrapassado na fase seguinte.

Essas duas primeiras fases foram fundamentais para que, no segundo semestre de 2015, a proposta pedagógica do *Contraponto* sofresse algumas mudanças. O novo formato adotado para o projeto é o tema da próxima seção.

A FASE III: A REFORMULAÇÃO DAS OFICINAS

■ A terceira fase do projeto passou a ser pensada em agosto de 2015, período no qual o grupo começou a realizar várias discussões e reflexões sobre as fases anteriores para se criar um modelo de projeto que pudesse dar conta das deficiências prévias, chegando a um formato baseado em três “tempos”. O primeiro tempo foi a formação interna do grupo, em um ambiente mais horizontal possível, no qual os membros do *Contraponto* se encontram em constante formação, com estudos em educação popular e comunicação não-violenta, estabelecendo debates e buscando líderes de grupos de interesse, capazes de enriquecer nossa base teórica para o debate nas escolas. Além disso, nesse primeiro momento, buscamos a ampliação do número de membros e diversificação de cursos universitários dos participantes, para tornar os debates políticos o mais multifacetados possível. O segundo tempo foi levar as oficinas às escolas de Ensino Médio, focando em turmas de segundo e terceiro ano do Ensino Médio Regular e EJA. Já no terceiro tempo, ainda em elaboração, os alunos secundaristas irão à universidade falar sobre política para as universitárias e universitários.

Essa terceira fase foi colocada em prática em três escolas de Porto Alegre – Instituto Estadual de Educação Paulo da Gama, Escola Técnica Estadual Parobé e novamente na Escola Agrônomo Pedro Pereira. Ela foi pensada a partir do resgate das experiências anteriores daqueles elementos que deram certo e dos aspectos que fugiram da proposta que gostaríamos que caracterizasse o *Contraponto*. A partir disso, adotamos um novo formato, partindo da percepção de que as oficinas, apesar de bem estruturadas no seu teor, tornavam-se “pesadas” e de difícil absorção para as e os secundaristas. Para tanto, a mudança na abordagem do tema era essencial a fim de que o projeto tentasse, ao menos, provocar a curiosidade e promover uma reflexão mais complexa sobre os temas da política.

O primeiro aspecto a ser reformulado foi a composição dos ministrantes. Para evitar o que havia ocorrido na fase anterior, definimos que haveria um grupo responsável por cada uma das turmas de segundo ano com a qual trabalharíamos nessa nova fase. Assim, a continuidade dos membros durante os quatro encontros revelou um grande avanço na socialização e na criação de vínculos entre os integrantes das turmas e os do projeto, proporcionando uma maior troca e

aprendizado de ambas as partes. Os grupos seriam compostos, idealmente, por quatro “oficineiras e oficinairos”, três responsáveis por trabalhar os conteúdos e um “anjo”, dedicado a anotar tudo o que ocorria dentro da sala de aula. A justificativa para isso era que, através de observações mais detalhadas, pudéssemos executar oficinas mais dedicadas aos interesses e às vontades das e dos secundaristas, bem como captar e mesclar processos de aprendizagens distintos, respeitando a trajetória de cada um dentro da sala de aula. Apesar de ter sido uma proposta de mudança bastante coadunada com o que pensamos ser o ideal, não foi possível – devido à quantidade de participantes e das agendas – garantir o “anjo” em todas as turmas nas quais trabalhamos. No entanto, a manutenção das mesmas equipes de trabalho logrou resultados muito positivos na criação de afetos e de vínculos com as e os jovens.

A segunda modificação foi a de conteúdo. Em vez de concentrar o conteúdo mais denso nos dois primeiros encontros e utilizar metodologias de aprendizagem ativa para a aplicação desses conteúdos nos dois últimos, optamos por mesclar esses dois formatos dentro de cada um dos quatro encontros. A maneira que encontramos para isso baseou-se na sistematização de quatro “intencionalidades”. As intencionalidades orientariam o trabalho das “oficineiras e oficinairos”, mas permitiriam que, em cada turma, o processo se realizasse de uma maneira particular, respeitando as idiossincrasias do espaço e daquelas e daqueles que dele participassem. As intencionalidades elencadas pela equipe do *Contraponto* foram: (i) a política está em todos os lugares; (ii) quem são atores da política; (iii) como se faz política (estrutura dos poderes); e (iv) como se engajar de forma positiva na política. Buscamos adaptar uma dinâmica diferente para cada encontro, que tratasse de abordar de maneira clara cada uma dessas intencionalidades, e percebemos que o nível de interesse em estabelecer um diálogo sobre o assunto foi ampliado através das dinâmicas. Ademais, foi elaborado para essa fase um Guia de Estudos, organizado a partir das quatro intencionalidades anteriormente listadas.

As oficinas passaram a apresentar um formato de roda de conversa, em detrimento da composição tradicional de mesas e cadeiras viradas para o quadro, mais verticalizada e típica da educação bancária. Em roda, as alunas e os alunos se sentiam mais à vontade para expressar seus pontos de vista, enquanto os integrantes do projeto passaram a facilitar o debate. Dessa forma, o fluxo do debate era sempre estimulado, o que ajudou a demonstrar um maior nível de interesse e aprendizado. Os integrantes do *Contraponto*, tendo a intencionalidade em mente, instigavam ou estimulavam o debate de acordo com a condução dada pelas próprias e próprios secundaristas.

Outro elemento que possibilitou a abordagem de diferentes temáticas – visto que o tempo era limitado para tratar de todos os temas importantes da política, e até mesmo dos mais controversos – foi dividir o grande grupo em pequenos grupos de acordo com os seus interesses (temas como feminismo, direitos LGBTQ, ocupações urbanas, redução da maioridade penal etc.). Dessa maneira, o debate pôde fluir de maneira mais livre e participativa, permitindo que posteriormente houvesse uma socialização com uma explicação sucinta e as conclusões sobre as discussões no grande grupo.

Nessa terceira fase, o conteúdo ministrado nas oficinas do *Contraponto* focou mais intensamente nos aspectos relativos à cidadania e à participação coletiva ou individual na política. Priorizou-se, além do enfoque à estrutura institucional, o tratamento das ações civis e sociais, as quais são identificadas como atos políticos. Com isso, tentamos quebrar o distanciamento e o desinteresse na política, resultando numa maior assimilação de que todos e todas são responsáveis pelos resultados políticos do país, sejam eles institucionais ou não. Conforme consta no Guia de Estudos:

“A política abrange questões que vão para além dos partidos e das grandes instituições do país, e que afetam o cotidiano das mulheres e dos homens que estão ao nosso lado, convivendo diariamente com a gente: os nossos pais, os nossos professores, o cobrador do ônibus que a gente pega pra chegar no colégio, o “tio” do bar, o vizinho do andar de cima que está sempre escutando música alta na hora em que tu vais estudar, o morador de rua que te dá bom dia pela manhã, o trabalhador que varre as calçadas à noite enquanto outras trabalhadoras e outros trabalhadores dormem, a enfermeira do posto de saúde que trabalha duro todos os dias pra atender as pessoas que estão na fila do SUS, o guarda de trânsito que tenta organizar o tráfego em dia de chuva, o ciclista que desvia dos carros naquele trecho onde não há ciclovia, a mulher que escuta uma música no celular para evitar ouvir os assédios enquanto caminha na rua, o jovem negro que recebe um olhar de desconfiança do transeunte que atravessa a calçada, a camponesa que planta o seu produto orgânico para vender na feira de sábado, etc. A vida de todas essas pessoas é afetada pela política. Mas, atuando de maneira solitária, o impacto de suas decisões e reivindicações terá menor abrangência do que em uma situação em que essas pessoas se organizam juntamente com outras pessoas que possuem interesses comuns. Assim, dizemos que os atores da política são os grupos de interesse que podem atuar tanto pela via institucional quanto por fora das instituições. Os grupos de interesse, então, são aqueles que se organizam em torno de uma pauta específica, estabelecem um programa de ação e

definem os meios para a atuação conjunta dos seus membros. Por exemplo: no movimento estudantil, diversos grupos se organizam em torno de pautas educacionais que são discutidas entre os estudantes e depois repassadas para a via institucional (direção da escola, reitoria da universidade, etc.). As associações de moradores também é um tipo de organização política. Por meio dela você pode debater com seus vizinhos questões de saneamento básico que afetam a região, por exemplo, e levar as demandas ao poder municipal. O movimento LGBTQ e os movimentos feministas, que trazem novas demandas de camadas subrepresentadas nas instituições formais e\ ou novos temas para o debate político, como o casamento homoafetivo, a luta contra o estupro e a favor do aborto e a luta contra a violência.” (Contraponto, Guia de Estudos, 2015, p. 2)

De grande relevância para o crescimento do projeto, também, foram as reuniões reflexivas semanais com todos (ou quase todos) os membros do *Contraponto*. Nessas reuniões se debatiam o andamento das oficinas e as percepções a que se tinham chegado em cada encontro, se a intencionalidade havia ficado clara para os participantes e como estabelecer o elo entre a intencionalidade anterior e a que viria na sequência, dada a trajetória de cada turma. O encontro de ideias e de diferentes ou semelhantes obstáculos ajudava no aprimoramento do *Contraponto*, mesmo quando este ainda se encontrava em processo. Ainda durante o desenrolar das oficinas e das reuniões, montou-se uma tabela onde os membros compartilhavam suas avaliações sobre cada turma, deixando um acervo para as próximas fases do projeto.

Nessa terceira fase, foram ainda desenvolvidos dois tipos de “avaliação” como *feedback* das oficinas. Na primeira delas, os participantes teriam de responder no primeiro encontro, antes de qualquer debate, a seguinte pergunta: “O que você acha que é política?”. A resposta era guardada pela equipe do *Contraponto* e disponibilizada novamente no final da última oficina para que cada um avaliasse sua resposta e incluísse novas definições, caso desejasse. O intento de tal “avaliação” era analisar se houve ou não uma complexificação e ampliação no entendimento sobre o que seria a política. Alguns resultados podem ser encontrados no anexo incorporado a este trabalho. A segunda “avaliação” foi preparada após o término das oficinas e consistiu em um *quiz* para ser respondido pelas pessoas que assim o desejassem. Nesse questionário, além de informações básicas sobre a pessoa que estaria respondendo, foram incluídas cerca de dez perguntas (Anexo I). A resposta a esse questionário seria facultativa para quem houvesse participado das oficinas. Com isso, pudemos ter uma visão, ainda que restrita, das possibilidades criadas

pelo projeto no que diz respeito à reflexão crítica por parte dessas e desses adolescentes com quem compartilhamos essas atividades.

Por fim, uma ferramenta importante que tentamos incorporar foi o contato entre os integrantes do projeto e as “oficinandas e oficinandos” através de mídias sociais como o *Facebook*. Além disso, fizemos movimentos no sentido de criar grupos de *WhatsApp* com cada turma, tarefa que não foi adiante. Tal mecanismo foi pensado com o intuito de não deixar o contato se perder, e seguir atualizando cotidianamente essa relação criada mediante o compartilhamento de conteúdos importantes para a reflexão.

○ CONTRAPONTO EM 2016: NOSSOS PRÓXIMOS PASSOS

■ Em 2016, o *Contraponto* possui um desafio muito instigante: ampliar o número de oficinas, com o intuito de abordar temáticas outras que não estiveram tão presentes na fase III (como discussões sobre cultura e engajamento político, opressões e as minorias políticas, acesso e permanência no ensino superior etc.), bem como horizontalizar ainda mais o grupo, possibilitando e estimulando a participação desses mesmos jovens na construção da proposta do projeto para o ano que se inicia. Isso envolve, desde contatar as escolas e organizar as equipes internamente, quanto pensar conjuntamente as intencionalidades que embasarão cada uma das oficinas.

Para além disso, pretendemos promover no início do ano letivo um espaço horizontal e aberto dentro da universidade – uma aula pública – que será ministrada pelas e pelos jovens que participaram da fase III do projeto e será assistida pelos membros do *Contraponto* e demais universitárias e universitários que tiverem interesse na proposta. Nessa aula, que queremos construir de forma cooperativa e horizontal – e que, portanto, não podemos antecipar nem o formato sequer o conteúdo –, os protagonistas serão os secundaristas.

PROJETO CONTRAPONTO · O *Contraponto* é um coletivo de estudantes e um projeto de extensão na Universidade Federal do Rio Grande do Sul. O coletivo é formado por graduandas e graduandos de diversos cursos, como Relações Internacionais, Ciências Sociais, Políticas Públicas, Comunicação Social e Economia, além de pós-graduandas e pós-graduandos de Ciência Política, sob orientação acadêmica do Professor Paulo Peres. O projeto busca tornar possível um debate mais qualificado e democrático sobre política, fazendo um contraponto ao senso comum e às notícias na grande mídia e às discussões nas redes sociais. Em atividade desde 2014, o *Contraponto* visa construir condições de diálogo sobre política por meio de oficinas em escolas da região metropolitana de Porto Alegre.

APÊNDICE I

Relato sobre voltar à sala de aula

■ A sensação de voltar à sala de aula do Ensino Médio foi fantástica. Não apenas por me fazer lembrar o período em que estive sentada nas cadeiras da Escola Pública, cheia de projetos e sonhos, mas por me permitir trazer, nesse retorno, uma coisa que faltou na minha formação básica: debate. Quando estudava na Educação Básica, pensava que um dia saberia tudo, e com o projeto creio que trouxemos a essência da universidade: a dúvida. Partimos do princípio que essas dúvidas só serão esclarecidas a partir de muito debate, sem preconceito ou medo de ser tachado de “CDF”. Assim, o *Contraponto* foi mais que um projeto de extensão da universidade, foi uma troca de saberes e uma ampliação nas minhas esperanças com o futuro do país. Por mais que ainda ache que existe muito preconceito quando falamos de política, o projeto permitiu que nós trouxéssemos a essas e esses jovens a dúvida sobre o que diz a grande mídia, instigando a crítica sobre o que, muitas vezes, parece dado, pronto e imutável. Essa dúvida, já é suficiente para renovar minhas esperanças, pois tenho certeza que a partir disso, essas e esses adolescentes não vão mais aceitar histórias prontas e reproduzi-las sem ao menos refletir sobre o assunto. Outro ponto muito relevante do projeto foi que ele instigou os e as secundaristas a conhecer um pouco mais a universidade, que muitas vezes está distante demais até mesmo de sua imaginação. Sinto que esses pontos auxiliaram muito na minha formação, não apenas acadêmica, pois tive que estudar muito sobre a organização do sistema brasileiro e pedagogia (que não são especificamente minha área de estudo), mas como cidadã, pude dividir meus pensamentos e conhecer realidades de um Brasil que jamais imaginei.

Caroline Assis

ANEXO I



Avaliação do Projeto

O que é o Projeto Contraponto para ti?;

Texto



